



# Polishop

Tiago Nené

Traducción: Santiago Aguaded



AYUNTAMIENTO DE PUNTA UMBRÍA

Colección

*PALABRA*  *IBÉRICA*

© Tiago Nené

© Traducción: Santiago Aguaded Landero

Edita: Ayuntamiento de Punta Umbría

Depósito Legal: H xx-2010

Imprime: Essan Grafic, S.L. (Punta Umbría)

ISBN: xxx-xx-xxxxx-xx-x

## **PREFÁCIO**

### **A BELEZA SUJA**

**José Carlos Barros**

Procurar um descentramento; um lugar de fora. E procurar também cortar fios, ligações, aproximações. Até o olhar poisar nos objectos e devolver apenas o que os objectos mostram à superfície do que parecem ser. Acontece que esta (espécie de) máquina fotográfica tem uma memória por dentro: e quando a luz do flash ilumina os objectos, os eventos, ou antes mesmo do disparo, já as interrogações (e o desconforto delas) acompanham esse impulso, esse movimento sem retorno em direcção ao coração das coisas. Falo de uma poesia que parece decidir-se no território da sua própria impossibilidade; num conflito permanente entre ficção e realidade, entre concretude e fingimento, entre aceitação (desistência) e interrogação; entre milagre, revelação e, por outro lado, afastamento e reconhecimento da insuficiência do poema no desígnio de mudar o mundo. Nem sempre os títulos dos livros de poesia remetem para o seu universo temático. Neste caso, no entanto (e não obstante a primeira sensação de desconcerto), o título é já o enunciado, o resumo, do projecto que move o autor nesta busca (ou deambulação) pelas margens, por «um pequeno subúrbio/ onde os carros não passam», por lugares onde os terremotos apanham «pessoas que faziam amor» e «morriam de uma causa lenta e dolorosa» e onde (em vão?) se espera «a esperança/ de um próximo começo». Polishop é o nome de uma conhecida cadeia de venda de produtos milagrosos: cremes contra as rugas e a celulite (e as estrias), cintas vibráteis que resolvem os problemas das adiposidades abdominais, escadas de alumínio que ocupam apenas, num armário, o espaço de vinte centímetros, kits para desmontar variadores (seja lá isso o que for), artefactos que picam a cebola sem o incómodo prosaico das lágrimas. O título é a acertada metáfora deste universo de perdas, de desencontros, de impossibilidades (também de exaltações), de encenações – e, simultaneamente, de procuras, de rasuras (intervalos, fronteiras) entre o que é e o que poderia (deveria) ser. Há, nestes versos, o incómodo que reverte de um olhar irónico, altivo, desarmado, livre, sobre as armadilhas do quotidiano, sobre o desconcerto das relações humanas (sentimentos, moralidade), sobre a normalidade, assim interrogada, de supostos inquestionáveis códigos de conduta; sobre o logro das aparências; um olhar (às vezes apenas fotográfico, neutro) a trazer à superfície o lixo, a sujidade, as partes por unir, a incompletude, a impossibilidade de chegar a um lugar e de ocupá-lo por inteiro; onde, por indiferença (por desistência, por cansaço), «as pessoas sobrevivem quando alguém morre». O título do livro é a metáfora do mundo retratado nestes versos: a vida, o quotidiano, olhados de cima, de fora, como se tudo se desenvolvesse já num território de pechisbeque, de prometidos paraísos a pilhas, de felicidade anunciada a prestações. Os produtos da Polishop – a ilusão do mundo perfeito, a promessa da alegria, as virtudes do consumismo, os

consequentes ruídos do anúncio, da frase, da publicidade erigida a realidade concreta – parecem ser tudo o que temos quando (como algures se dirá neste livro) o tempo é de montarmos o circo e fazermos de conta. E por isso, num outro poema, se fala do político que cola, nas paredes, os seus próprios cartazes, confrontando-se com o logro do que ele mesmo anuncia (como num produto que a Polishop venderia em horário nobre para curar as varizes). Nem sempre os poemas deste livro, na sua aparente dispersão temática e formal, parecem fazer parte de um conjunto lógico, coerente, de peças que vão encaixando até mostrar o retrato inteiro que (por um momento) não adivinhávamos nas suas partes desligadas. Mas este é um livro de poesia, mais que uma recolha de versos e poemas: essa aparente dispersão (que nos ilude pelas inusitadas imagens, pelas incursões aparentemente exteriores ao poema, pelo salto – que se revela ser contiguidade – entre o poema lírico mais extenso e a concisão do aforismo, pelo encadear de reflexões sobre a arte poética ou a crua descrição dos estilhaços do quotidiano) revela-nos, aos poucos, um pano inteiro onde os diferentes (múltiplos) fios não cerziram mais que pedaços desatados. Há algo (há muito), nestes versos, de surrealidade, de sobressaltada transfiguração das imagens, de re-leitura, de re-interpretação, de deflagração às vezes sem um centro reconhecível que possa acudir-nos. É certo: porque a linguagem não se desliga nunca dos temas e do universo que procura servir: esse universo de perplexidade e desencanto onde já nem é possível regressar ao ponto de partida nem caminhar a partir de nenhum ponto. Porque nos perdemos no lixo das coisas, na «beleza suja» em que nos distraímos e afastámos de nós mesmos, entre logro e fingimento, entre imagens (falsas) cujo sentido já nem chegamos a interrogar. Servida por um rigor que busca na palavra o sentido exacto e último das coisas, esta poesia (a deste livro) confronta-nos com o mundo que vivemos tantas vezes sem exigirmos dele o que está por detrás (ou além) do lodo e do imperceptível milagre de um tempo anterior (antigo) em que era possível acreditar: «éramos tão novos (...), bebíamos veneno para dormir». É por aí que esta poesia nos leva: pelo incómodo sobressalto; pela convicção de que é preferível bebermos veneno para dormir, de que é indispensável amarmos «o amor quando nasce», do que nos sujeitarmos à impossibilidade de nos sentarmos a uma mesa do Majestic ou de «soltar os cães dentro dos poemas de amor».

NOTA: em 28 de Maio de 2010 a obra “Polishop”, de Tiago Nené, foi apresentada por José Carlos Barros no “Pátio de Letras”, em Faro.

## **POLISHOP**

*click,*

dormem em simultâneo sobre as escarpas  
e sobre a sua beleza suja,  
interior ao sono, interior à chuva,  
colocam as mãos nos bolsos como se lá estivesse  
parte de uma incompletude que os completasse,  
consolidam a solidão inacessível,  
sentem o vento processar o seu rigor irregular  
nos pulsos rasgados,  
ouvem música petrificada, julgam que o ritmo  
e o movimento da cabeça os podem apartar,  
e por isso se intitulam apenas  
de ouvintes de música,

*click,*

nunca saberiam assinalar, por exemplo, nos negativos  
da presente sessão, os lugares íngremes  
das suas infâncias  
que se consolam e flagelam entre si.  
sobre eles disparo como se atirasse a matar  
sobre as suas ideias transumantes  
em direcção à trovoada oca  
dos meus olhos brancos.

*click,*

o crepúsculo carrega-nos, a confusão inicia-nos as fugas,  
todas as fugas, todas as horas que a bem ou a mal  
singram e quebram.  
quem me dera poder embriagar-lhes a sombra,  
desatar-lhes os nós da vida,  
poder vê-los andar de novo,  
e ficar aqui para sempre, neste fim de tarde,  
compensando a minha completa falta de rosto  
com a tripulação dos meus dedos  
fingindo sobre a máquina fotográfica.

## **METROPOLITANO**

[aos que sabem ouvir]  
no metropolitano do ouvido  
o ritmo da minha inconsciência:  
os subúrbios do poema que são mais seguros,  
o desperdiçar de sentimentos  
nas complicações de uma velha  
identidade, um método ludovico,  
o centro de uma cidade que anda  
sobre o seu congestionamento.  
[uma nova carruagem chega  
com destino ao braço esquerdo  
e a uma acção simples].  
creio que ouvir pode ser falar com o ouvido,  
e falar com o ouvido pode ser devolver  
totalmente esse sentido.  
finalmente oiço o grito de munch,  
é encorpado, com textura de sílex,  
eternamente velho num ventre de silêncio,  
e não enterra quaisquer lamentos.  
[uma nova carruagem chega, sem destino].  
fecho os meus olhos.

## **PERFÍDIA**

Incrível como se ama  
qualquer animal  
recém-nascido.  
por isso, ainda  
que em vão, amamos  
o amor quando nasce, esse  
animal que em criança  
alimentamos,  
e que um dia  
nos comerá o coração.

## **CORAÇÕES DE PLENILÚNIO**

*Querer-te é o castanho doce dos figos sobre a mesa, / as tâmaras,  
a voz da grande Kolthoum vinda de uma / janela num cântico apaixonado ao Nilo*  
Victor Oliveira Mateus

a entrada secreta é breve como  
a abertura dos lábios meramente à PALAVRA.  
a necessidade de uma necessidade gera  
a incompletude que produz o néctar  
no coração feminino de plenilúnio.  
as folhas no ar conduzem borboletas inatmosféricas,  
o vento conduz o ódio que a criação retém  
num fio de silêncio atravessando  
a transparência oculta da matéria.  
a entrada da espera é breve  
e emancipa um segredo que ainda se funde  
nas membranas de uma tentativa  
assertiva e ovípara de coerência.  
esperar por ti é esperar que o primeiro final  
da história que ainda corre num só cateto  
te desiluda como um relógio que pára,  
um gato subitamente fusco, ou  
um verso mau do nosso poeta preferido.



## MAJESTIC

e não há uma só repetição  
que se cruza com uma primeira vez,  
e alguém que deixa uma beleza em prol de outra,  
o desamor de um amor culpado,  
uma eternidade invertida,  
o cansaço invisível num homoponto.  
e não há uma dor que sobe aos dons,  
e um inverno rigoroso que é o pudor do verão  
[e talvez da primavera],  
e os líquenes de uma canção por gestos.

e não há corações num frappé  
[é, porém, lindo o majestic]  
sobre uma travessa de uvas  
passando nas ruas dos dedos que emparedam  
o sangue oculto mas lilás  
sob o movimento dos astros da pele.

e nenhum segredo desperdoa todo o tempo,  
e não retiramos as minas de tacto sobre o mapa da cidade,  
e nunca regressaremos aqui, antes  
dissolvemos agora o rasto do seu infinito.

e diz oscar wilde que o inverno traz consigo a sabedoria,  
e eu ainda espero que vague uma mesa.

## A DENSIDADE DOS SISTEMAS

[aos perfeccionistas]

o *onde* é demasiado denso para o *quando*,  
o *quando* é demasiado denso para o *quem*,  
o *quem* é demasiado denso para o *o quê*,  
o *o quê* é demasiado denso para o *porquê*.

rejeitar as coisas que não tens

é acender o rastilho do tempo que resta,

a densidade comparativa dos sistemas

destruí-los-á um por um:

primeiro o espaço, depois o tempo, depois

o facto consumado, depois as dúvidas

e finalmente as explicações infundadas.

- e nós?

- nós acabaremos por subsistir no território  
da alma, sem densidade alguma.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

